

O USO DAS ESTRATÉGIAS DIGRESSÃO E REPETIÇÃO NO CONTO *AS COLINAS COMO ELEFANTES BRANCOS*, DE ERNEST HEMINGWAY

THE USE OF DIGRESSION AND REPETITION STRATEGIES IN THE SHORT STORY *HILLS LIKE WHITE ELEPHANTS*, BY ERNEST HEMINGWAY

Josane Daniela Pinto
UEPA/USP

Resumo: Neste artigo, objetivamos identificar as estratégias conversacionais, digressões e repetições, presentes ao longo do conto *Colinas como Elefantes Brancos*, de Ernest Hemingway, para discutir o efeito do uso dessas estratégias no contexto situacional de conflito. Assim, metodologicamente, procedemos à análise da conversa dos protagonistas do conto, tendo como base na Análise da Conversação e em autores, como, Marcuschi (2003), (2015), Kerbrat-Orecchioni (2006), Silva (2005), Gumperz (1982), Andrade (2000), Preti (1999). A importância desse estudo reside no fato de o escritor Ernest Hemingway retratar nesse conto uma conversa tensa entre o casal Jig e o soldado americano sobre aborto.

Palavras-chave: Análise da Conversação; Digressão; Repetição

Abstract: In this article, we have as objective to identify the conversational strategies, digressions and repetitions present in the short story *Hills like White Elephants*, by Ernest Hemingway, in order to discuss the effect of using these strategies in the situational context of conflict. So, methodologically, we proceed the analysis of the conversation between the protagonists of the short story, based on Conversational Analysis and in authors, as Marcuschi (2003), (2015), Kerbrat-Orecchioni (2006), Silva (2005), Gumperz (1982), Andrade (2000), Preti (1999). The importance of this study resides on the fact that the writer Ernest Hemingway portrays in this short story a tense conversation between the couple Jig and the American soldier about abortion.

Key words: Conversational Analysis; Digression; Repetition

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O século XX trouxe inovações para o texto literário, ao possibilitar aos autores o uso de regionalismos e a linguagem popular, bem como uma inovação na proposição de temas, considerados “tabus” para a época, como o aborto, o homossexualismo, entre outros. Dessa forma, escolhemos o conto *Colinas como Elefantes Brancos*, de Ernest Hemingway, estabelecendo como objetivo a identificação das estratégias conversacionais, digressões e repetições, para discutir o efeito do uso delas no contexto situacional de conflito. Assim,

metodologicamente, procedemos à análise da conversa dos protagonistas do conto, identificando as digressões e repetições, com base nos autores, Marcuschi (2003), (2015), Kerbrat-Orecchioni (2006), Silva (2005), Gumperz (1982), Andrade (2000), Preti (1999).

A conversação é um ato interacional e a interação é definida como um fenômeno sociocultural, por isso, não se pode, ao estudar a conversação, deixar de considerar os aspectos socioculturais, afetivos, pois, em toda interação verbal, a sequência de eventos constitui um “texto”, que é construído coletivamente (RODRIGUES, 2006). Kerbrat-Orecchioni (2006) também acredita que as relações entre o texto conversacional e o contexto é dialética, ou seja, esse último é construído, mas, ao longo da interação, vai sendo redefinido a partir dos acontecimentos conversacionais.

Portanto, a importância desse estudo reside no fato de o escritor Ernest Hemingway, retratar uma conversa entre um casal sobre aborto, na qual são usadas digressões e repetições com o objetivo de intensificar o efeito do conflito vivenciado pela Jig em aceitar ou não a proposta do namorado de realizar um aborto.

2. ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

O homem sente a necessidade de se comunicar, pois faz parte da sobrevivência humana a atividade de interação. Portanto, a conversação está no cotidiano, ou seja, é uma prática social e através dela irá possibilitar outras práticas sociais. Silva (2005, p. 32) explica a origem da palavra **conversação**:

Etimologicamente, *conversação* é um substantivo ligado ao verbo conversar, que procede do latim *convorsare*, encontrar-se habitualmente num mesmo local. Esse termo é composto de *com-* (junto) e *versare* (dar voltas). Remete-nos, pois, à ideia de conviver com outras pessoas. A palavra conversação deriva do latim *conversatio, onis*, que significa convivência, ação de viver junto. A conversação é, pois, uma atividade em que duas ou mais pessoas interagem por meio da linguagem verbal e/ou não-verbal.

Leite *et al.* (2010, p. 50) definem conversação como “(...) a prática social mais comum e como a primeira fonte de interação humana”. Dessa forma, o ser humano não pode viver em sociedade sem estar inserido nas práticas sociais. Marcuschi (2003, p. 5) elenca algumas razões para se estudar a conversação:

Em primeiro lugar, ela é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve um espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes.

Por ser essencial na construção da identidade social do indivíduo, a Análise da Conversação (AC) se tornou um campo de pesquisa na década de 60 ligada à linha da Etnometodologia, que por sua vez está ligada à Sociologia da Comunicação e à Antropologia Cognitiva, cuja preocupação centrava-se nas ações humanas em diversos ambientes culturais. No início até a metade da década de 1970, havia apenas a preocupação com o estudo das estruturas da conversação e os seus mecanismos organizadores.

Gumperz (1982) afirma que a AC tem se desenvolvido como campo de pesquisa, recebendo contribuições de várias perspectivas de áreas de estudo diferentes. Kerbrat-Orecchioni (2006) também enfatiza a característica transdisciplinar da AC desde as suas origens, oferecendo contribuições da psicologia social, sociologia cognitiva, linguística, etnografia, etc. Gumperz (1982) também ressalta que o objetivo do seu livro *Discourse Strategies* é o estudo do processo de interpretação da atividade interacional pelos seus participantes, ou seja, a análise ultrapassa o nível das estruturas, passando da organização para a interpretação. Ele declara que para se ter um ato conversacional, não se pode considerar o simples uso eficiente das estratégias comunicativas (estas últimas pressupõem a competência gramatical e o conhecimento cultural), mas também como os interlocutores interpretam o que acontece no ato interacional.

Gumperz (1982) ainda ressalta que os objetivos de estudo nas várias formas de análise conversacional são os sinais comunicativos e os seus padrões nos textos, como, por exemplo, nos textos escritos em prosa e transcrição de diálogos falados. Também o autor trata da tendência em se acreditar que o envolvimento conversacional existe, os interlocutores cooperam entre si, e as convenções conversacionais são partilhadas. Leite *et al* (2010, p. 51) descrevem o segundo momento de desenvolvimento nos estudos da Análise da Conversação:

(...) houve um maior interesse pelos procedimentos linguísticos (e paralinguísticos) privilegiados no texto falado. Esses procedimentos assumem funções diversas na conversação, entre as quais se encontra sempre a de estabelecimento de relações interpessoais, ou seja, de intercompreensão.

De acordo com os autores, mecanismos como repetição, correção, paráfrase, passaram a ser estudados e surgiu a partir de então o interesse em relacionar os procedimentos linguísticos usados pelos interlocutores e as relações interacionais. Essa preocupação que surge na AC reforça o que foi defendido por Gumperz (1982) sobre o envolvimento dos interlocutores e da cooperação, tudo isso é necessário para que o ato conversacional aconteça e que seja efetivamente interpretado pelos seus participantes.

Sobre a concepção social que está presente nos estudos conversacionais, Leite *et al* (2010, p. 52) afirmam:

(...) observa-se que a Análise da Conversação se preocupa, antes de mais nada, com as relações afetivas entre sujeitos aproximados pela e na conversação. Procura apreender, assim, não as relações entre grupos, classes ou instituições sociais, representadas no discurso, mas as relações intersubjetivas de envolvimento afetivo e emocional dos sujeitos, estabelecidas por via conversação.

A partir dessa afirmação, verifica-se que a AC não se limita ao estudo da interação conversacional entre os interlocutores, mas também há o interesse pelo caráter emocional, afetivo expresso ao longo da atividade interacional.

Marcuschi (2003) explicita a regra geral da conversação que é cada um fala no seu turno, na sua vez, ou melhor, os falantes se alternam, há a troca de papéis, possibilitada pelo mecanismo de tomada de turno. Fávero *et al.* (2010, p. 107) também apresentam como característica da conversação a sequência de turnos:

A conversação pode ser caracterizada como uma sequência de turnos, assim entendidas as intervenções dos interlocutores, de qualquer extensão, com ou sem conteúdo informacional. Com efeito, os interlocutores engajam-se na consecução do objetivo comum, pois nela ambos alternam-se nos papéis de falante e ouvinte.

Por conter essas características, a conversação apresenta uma ordem em meio a uma aparente “desordem” de uma troca interacional espontânea. Há a presença de regularidades, entre elas, a troca de turnos entre os interlocutores, também o uso de estratégias conversacionais.

2.1 Estratégias conversacionais

As estratégias conversacionais podem ser definidas como a forma que um interlocutor interage por meio da linguagem verbal com o outro. Elas resultam do contexto no qual se encontram inseridas. Rodrigues (2006, p. 236) afirma que ao se estudar as estratégias

conversacionais: “(...) é possível interpretar as intenções, reações e relações de poder ou submissão reveladas pelos interlocutores, bem como traçar um perfil da identidade que procuram demonstrar ou ocultar”. As estratégias usadas pelos interlocutores podem ser resultantes das intenções que precedem a conversação ou das alterações ocorridas durante o seu acontecimento.

Ao usar as estratégias, o falante tem o poder de decidir deixar explícito ou não as suas reais intenções naquele processo interacional, procurando se fazer entender da maneira que julga mais conveniente.

2.1.1 Repetição

Por se referir a algo que já dito, a repetição é considerada como um processo de formulação textual, que segundo Marcuschi (2015), é um dos mais característicos da oralidade. Para Marcuschi (2015, p. 207- 208), a repetição pode assumir uma variedade de funções, por causa da sua “maleabilidade funcional” e ela não pode ser considerada “um descontinuador textual, mas um processo de composição do texto e condução do *tópico discursivo*”.

Marcuschi (2015, p. 208) apresenta a seguinte definição:

(...) repetir é produzir o mesmo segmento linguístico duas ou mais vezes.
(...) Há uma grande diferença entre repetir elementos linguísticos e repetir o mesmo conteúdo. Portanto, repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa.

Em um evento comunicação, a repetição não deve ser vista como uma mera produção dos elementos linguísticos iguais ou semelhantes, existe uma intenção da parte do interlocutor que usa esse recurso, ou seja, apresentar algo novo. Marcuschi (2015)¹ trata das várias manifestações da repetição:

- I. Quanto à produção: os segmentos podem ser divididos em autorrepetições (o próprio falante produz a R² da sua fala) e heterorrepetições (o interlocutor repete algo dito pelo locutor);
- II. Quanto à distribuição na cadeia textual: podem ser adjacentes (contíguas ou próximas a M) ou distantes;

¹ A classificação das repetições foi retirada de Marcuschi (2015, p. 210-211) e reorganizada pela autora deste artigo.

² Segundo Marcuschi (2015, p. 209), “a primeira entrada do segmento discursivo depois repetido é designada como *matriz* (M). A M caracteriza-se por operar como base ou modelo para a projeção de outro segmento construído à sua semelhança ou identidade, chamado de *repetição* (R).”

III. Quanto à categoria linguística do elemento repetido: repetições fonológicas; de morfemas; de itens lexicais; de construções suboracionais e de construções oracionais.

O texto, oral ou escrito, que apresenta repetição, vai refletir as condições de produção associadas ao momento da atividade interacional.

2.1.2 Digressão

Segundo Andrade (2000, p.100), digressão pode ser definida como:

uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o segmento precedente nem com o que lhe segue; entretanto, não é acidental e tampouco cria uma ruptura da coerência, na medida em que é fruto de relações de relevância tópica.

Com base nessa afirmação, pode-se entender que o uso da digressão é uma estratégia que está associada à preservação das faces³, possibilitando um certo “efeito de sentido”.

Dessa forma, o interlocutor, assumindo a postura de preservar a sua face ou a do outro, usa a estratégia da digressão e foge momentaneamente do tópico discursivo, ou seja, um novo tópico surge dentro do evento comunicativo. Andrade (2000, p. 100) define, da seguinte forma, essa estratégia:

A digressão implica a substituição de um domínio de relevâncias (tópico discursivo, ou seja, o assunto da atividade textual) por outro domínio diferente, que suspende momentaneamente aquele domínio anterior, colocando-o à margem do campo de percepção, enquanto o novo tópico discursivo assume posição focal.

De acordo com Andrade (2000, p.101), a estrutura de um texto tem uma relação com o contexto situacional, ou seja, o texto e o contexto estão interligados, não se pode entender um sem o outro. Para se entender e analisar as estratégias usadas pelos interlocutores ao longo do evento comunicativo, é importante o conhecimento do contexto situacional. Andrade cita Halliday (1989) que apresenta uma interligação entre as variáveis: *campo*, *teor* e *modo*. *Campo* significa o que realmente ocorre; *teor* refere-se a quem participa e *modo* indica a função que desempenha, ou seja, juntas, essas variáveis vão determinar as condições pragmáticas no

³ “De acordo com Goffman (1967), em toda interação são postos em ação processos figurativos, ou seja, processos por meio dos quais os interactantes se representam uns diante dos outros de determinadas maneiras (...) É a essas formas de representação que denomina *face*. Segundo ele, os interactantes procuram, em cada interação, evitar qualquer tipo de agressão à sua face e à do parceiro: é o trabalho de preservação das faces (*facework*), que se concretiza, particularmente, pelo uso de meios linguísticos.” (Vilaça e Bentes. In: PRETI, 2008, p.25-26)

momento de uma interação verbal. Andrade ainda define contexto situacional como uma “construção cognitiva (ou quadro) que o locutor faz da situação comunicativa” (2000, p.102).

Segundo Andrade (2000, p.102), essas três variáveis (campo, teor e função) vão determinar três tipos de digressão:

I. Considerando a variável *campo*, pode-se ter a **digressão lógico-experiencial**, que é criada pelo locutor, dando ao foco da cena da interação um fim de natureza pessoal. Andrade (In: PRETI, 2000, p.103) afirma que ao ser usado esse tipo de digressão na construção de um texto o locutor vai trazer alguma informação relacionada ao seu contexto biográfico ou conhecimento de mundo para o contexto situacional no qual o evento comunicativo encontra-se inserido.

II. Com a variável *teor*, tem-se a exteriorização das preocupações sociais entre os interlocutores. Dessa forma, a digressão pode-se ser subdividida em:

Digressão interpessoal incidental: associada às preocupações de ordem social e à necessidade de se seguirem as regras sociais estabelecidas. Identifica-se nos interlocutores uma preocupação social, pois há uma necessidade de interagir de acordo com as normas, como, por exemplo, em um restaurante, é feito um pedido ao garçom e ele realiza o seu papel de servir aos clientes. Assim, o discurso, irá englobar os elementos do contexto de situação e das relações sociais, de acordo com Andrade (In: PRETI, 2000, p.110).

Digressão interpessoal imediata: refere-se à “imediatez da situação enquanto relação entre o falante e a pertinência de algum objeto presente no entorno” (Andrade. In: PRETI, 2000, p.103).

III. Com a variável *modo*, ter-se-á a digressão retórica que contribui no estabelecimento da pertinência textual e pode se dividir em:

Digressão retórica didática: “caracteriza-se por ser uma sequência que modifica uma outra sequência par, (do tipo pergunta-resposta) ” (Andrade. In: PRETI, 2000, p.103). É uma digressão bastante usada e importante para o ato interacional, pois pode servir a diferentes atos de fala, como, por exemplo, corretivo, informativo, classificatório, entre outros.

Digressão retórica persuasiva: há uma certa manipulação da pergunta, ou seja, o locutor cria uma paráfrase da pergunta, a fim de atingir um determinado objetivo.

Dessa forma, entende-se que as digressões são relevantes para a construção do significado da atividade interacional, sendo de suma importância a observação do contextual situacional e de outros contextos, como cultural, biográfico, de conhecimento de mundo, etc. Quando o locutor usa uma digressão, ocorre uma mudança de foco no tópico discursivo que é o centro daquela atividade interacional, ou seja, há uma reorientação no sentido daquele determinado evento comunicativo, muitas vezes, com o intuito de preservar as faces dos interlocutores envolvidos naquele contexto.

3. METODOLOGIA

Conforme já o dissemos no início deste artigo, este estudo tem como base teórica a Análise da Conversação e como procedimento metodológico foi selecionado alguns autores como, Marcuschi (2003), (2015), Kerbrat-Orecchioni (2006), Silva (2005), Gumperz (1982), Andrade (2000), Preti (1999); e como *corpus* foram escolhidos os diálogos presentes no conto *Colinas como Elefantes Brancos*⁴, escrito por Ernest Hemingway.

A análise dos diálogos presentes no conto de Hemingway será qualitativa, a fim de se atingir o objetivo estabelecido para esse estudo. Primeiro é realizada a identificação dos participantes da conversa, Jig e o seu namorado, um soldado americano. Em seguida, é identificado o tópico principal da conversa. Com base em Rodrigues (2006), são apresentadas as estratégias usadas pelos interlocutores no diálogo. São usados alguns trechos do conto para exemplificarem as estratégias e o motivo delas se fazerem presentes no texto.

Lopes (2012) define o conto como uma narrativa de ficção curta, que teve o seu passado ligado às tradições da oralidade. Ela ressalta que já no século XX o gênero tornou-se bastante popular, principalmente a partir dos escritores modernistas que rompem com as tradições, possibilitando a inovação na forma e na proposição de novos temas. De acordo com Lopes (2012, p. 17), dentro desse cenário, Hemingway escreve seus contos, usando um estilo de escrita simples, “vocabulário corrente”, com frases curtas e “sem adornos”, conforme passaremos a analisar.

4. ANÁLISE

O conto *Colinas como Elefantes Brancos* foi publicado sob o título original *Hills like White Elephants* no ano de 1927. A estória ocorre em uma estação de trens na Espanha e tem como protagonistas, um americano e uma moça, chamada Jig. O conto se baseia principalmente no diálogo que ocorre entre este casal em uma época ainda muito conservadora. Silva (2005), Leite *et al* (2010), Marcuschi (2003) enfatizam a conversação como uma prática social presente no cotidiano do ser humano. Na vida de um casal, não é diferente essa realidade, mesmo em um texto literário. Retomando as palavras de Preti (1999), ele ressalta a pertinência de se estudar as

⁴ O texto original é *Hills like White Elephants* e foi traduzido para o português por Samuel Titan Jr na versão escolhida para análise.

conversações presentes em um texto literário, por apresentar a influência da língua oral, principalmente nos textos contemporâneos.

Os diálogos são muito intensos, pois trazem implícito um assunto abordado pela primeira vez por Hemingway que é o aborto. Por ser um ato considerado crime, não aparece a palavra aborto no conto. O verbo “concordar” na linha 58 apresenta-se sem complemento explícito, que seria “concordar com a realização do aborto”:

Eu sabia que você iria concordar, Jig. Não é nada mesmo. É só deixar o ar entrar.

Trata-se de uma situação séria em que há uma moça grávida e assustada com a sugestão de aborto. Enquanto a Jig está em silêncio, ele, novamente, diz (linhas 60-1):

Vou junto e vou ficar com você o tempo todo. Eles só deixam o ar entrar e então é tudo completamente natural.

Para entender o contexto situacional, no qual se encontra esse casal, é relevante considerar o que afirmou Andrade (2000, p.101) que o texto e o contexto encontram-se interligados, para a análise conversacional. Portanto, para analisar esse diálogo precisa-se ter a consciência da intensidade emocional que os interlocutores se encontram imersos e também do envolvimento dos interlocutores no ato interacional como afirma Gumperz (1982).

Um rapaz, que em nenhum momento da conversação é chamado pelo nome, tenta convencer, usando várias estratégias, a mulher que está grávida aceitar a fazer o aborto. As estratégias são um recurso, como declara Rodrigues (2006), para interpretar as intenções, reações e relações de poder existentes entre os interlocutores.

Ele não usa em nenhum momento a palavra “ aborto”, até porque era um ato proibido na Espanha nas primeiras décadas do séc. XX. Eles estão no restaurante da estação e a mulher, encontra-se muito nervosa, pensativa, aflita com a necessidade de ser forçada a tomar uma decisão.

Quando sentam no restaurante da estação, eles iniciam o diálogo:

“O que vamos beber?”, a moça perguntou. Ela tirara o chapéu e o pusera sobre a mesa. “Está bem quente?”, o homem disse.

“Vamos beber cerveja.”

“*Dos cervezas*”, o homem disse para a cortina.

“Grandes?” , uma mulher perguntou do vão da porta.

“Sim. Duas grandes.”

No momento em que o americano interrompe a conversa e se dirige à “cortina”, ou seja, à garçonete do restaurante pedindo as cervejas, ocorre a primeira digressão do tipo interpessoal incidental, na qual há a necessidade de seguirem as regras estabelecidas, isto é, se sentam em um restaurante e é recomendado fazer algum pedido. No mesmo trecho, aparece a repetição do item lexical “grandes” que soa apenas como uma confirmação do pedido. De acordo com Marcuschi (2015), a repetição pode assumir uma gama de funções, é uma das estratégias mais características da oralidade.

Diante da dificuldade em iniciar o tópico discursivo central, ocorre uma outra digressão no seguinte trecho quando Jig diz “Parecem elefantes brancos”:

“Parecem elefantes brancos”, ela disse.

“Nunca vi um”, o homem bebeu sua cerveja.

“Não, não teria como.”

“Eu poderia ter visto”, o homem disse. “Você dizer que eu não teria como não provar nada.”

Dessa vez, é Jig que reinicia a interação com uma digressão interpessoal imediata, referindo-se às colinas que estão ao redor da estação, através da metáfora dos elefantes brancos, que apresentam uma simbologia, remetendo ao antigo Sião, onde o elefante branco era considerado uma preciosidade e todo esforço era realizado no sentido de conseguir um exemplar. A expressão passou a significar algo valioso, que custou muito dinheiro, mas que não tem muita utilidade.

Novamente, com receio do assunto que inevitavelmente será discutido, Jig olha as cortinas e usa como estratégia para retardar o início do tópico central uma outra digressão quando Jig pergunta sobre o que está escrito em cima:

“Pintaram alguma coisa em cima”, ela disse, “O que quer dizer?”

“*Anís del Toro*. É uma bebida.”

“Podemos provar?”

Novamente, no trecho acima, Jig usa uma digressão interpessoal imediata quando sugere que experimentem a bebida, ou seja, usa os elementos que estão em torno deles para retardar o início da conversa sobre o aborto.

Depois que provam a bebida, o homem tenta iniciar o tópico discursivo central, mas de novo é interrompido pela Jig com uma nova digressão interpessoal imediata que já havia sido feita na linha 16, caracterizando também uma repetição, outra estratégia para evitar o início do assunto:

“ Bem, vamos tentar ter um bom momento.”

“Tudo bem. Eu estava tentando. Disse que as colinas parecem elefantes brancos.

Não é brilhante?”

Nas linhas 48 e 49, Jig se refere novamente às colinas:

“As colinas são lindas”, ela disse. “Na verdade, não parecem elefantes brancos. Quero dizer, só a pele vista entre as árvores.”

Nos dois trechos, Jig repete a imagem das colinas que parecem elefantes brancos. No entanto, no segundo trecho (linhas 48 e 49) ela usa uma negação (“não”). Há uma mudança de sentido ao usar a negação, mas logo a seguir retoma a imagem original dos elefantes brancos, como uma estratégia que está funcionando para retardar a necessidade de tomada de decisão.

O tópico central sobre o aborto é, finalmente, iniciado na linha 55 pelo homem:

“É uma operação muito simples mesmo, Jig”, o homem disse. “Nem é uma operação de verdade.”

Ele usa como estratégia para amenizar o início do tópico a repetição do item lexical “operação”, atenuando no segundo momento. O homem vai agora para o assunto central na linha 58 e diz: “É só deixar o ar entrar.” Como estratégia para convencer a Jig, ele repete novamente na linha 60 a referência ao “ar”: “Eles só deixam o ar entrar e então é tudo completamente natural.”

No trecho seguinte, o homem continua argumentando para convencer a Jig a realizar o aborto, é necessário para que eles sejam felizes:

“E você acha que depois nós vamos ficar bem e vamos ser felizes.”

“Tenho certeza. Não precisa ter medo. Conheço muita gente que já fez.”

“Eu também”, disse a moça. “E depois foram todos muito felizes.”

Há a repetição do item lexical “felizes”, como uma necessidade de justificar a tomada de decisão do casal. Jig precisa decidir pelo aborto, para que eles continuem juntos e felizes, já que a possibilidade do filho representa a infelicidade para o casal naquele momento. Esse argumento da felicidade a faz acreditar na necessidade de se submeter à proposta.

Durante todo o diálogo, há uma série de repetições, como no trecho (linhas 83 a 87) a seguir:

“Então eu faço. Porque eu não me importo comigo.”

“Como assim?”

“Eu não me importo comigo.”

“Bem, eu me importo com você.”

“Ah, sei. Mas eu não me importo comigo. E vou fazer e tudo vai ficar bem.”

No exemplo acima, há a repetição oracional de “não me importo comigo”, reforçando a negação que Jig impõe, para ela é mais importante se submeter à operação e garantir ficar com o homem que ama. Entendendo essa intenção, ele usa a assertiva “me importo”. O item lexical é o mesmo, mas a sua repetição promove a apresentação de novos sentidos, considerando o clima tenso entre o casal.

Da linha 92 até 127, encontra-se o clímax da tensão entre o casal, neste trecho há a presença de várias repetições. A estratégia da digressão que foi usada no início para adiar esse conflito dá lugar a uma série de repetições, confirmando o estado de conflito presente na interação entre o casal. Alguns exemplos das repetições presentes nesse trecho:

“O que você disse?”

“Disse que nós poderíamos ter tudo.”

“Nós podemos ter tudo.”

“Não, não podemos.”

“Podemos ter o mundo todo.”

“ Não, não podemos.”

“Podemos ir para qualquer lugar.”

“Não, não podemos. Já não é nosso.”

“É nosso.”

Pode-se confirmar no exemplo acima a repetição dos itens lexicais “podemos”, “tudo” e, por último, “nosso”. As palavras se repetem, no entanto, os sentidos se alteram, adquirindo em

alguns momentos a carga de negação pela presença do “não”. É um momento de conflito pessoal da Jig, uma mulher com medo de aceitar a proposta do homem em praticar o aborto, mas que, ao mesmo tempo, deseja que não haja nenhum impedimento para a “felicidade” do casal. As repetições revelam um momento de dúvidas, a hesitação da Jig.

No final do conto, ocorre uma outra digressão interpessoal incidental, quando a mulher que trabalha no restaurante avisa que o trem está chegando:

“ A mulher atravessou a cortina com dois copos de cerveja e os depositou sobre os apoios de feltro úmidos. “O trem chega em cinco minutos”, ela disse.”

“O que ela disse?”, perguntou a moça.

“Que o trem chega em cinco minutos.”

Depois do diálogo tenso entre o casal, a digressão ocorrida serve para acalmar os ânimos. Em seguida, o homem usa a chegada do trem para realizar também uma digressão interpessoal imediata:

“Acho melhor levar as malas para o outro lado da estação.”

Assim, a calma volta a estar presente no evento comunicativo entre o homem e Jig. As fugas do tópico discursivo permitem que a interação seja retomada. Depois que ele leva as malas, volta a falar com Jig, que já estava refeita do momento de tensão ocorrido anteriormente:

“Está se sentindo melhor?”, ele perguntou

“Estou bem”, ela disse, “Não tem nada de errado comigo. Estou bem.”

O conto termina com uma repetição feita pela Jig: “estou bem”. É importante para ela, enfatizar que, apesar da dúvida e do conflito em aceitar ou não a proposta do homem amado, ela se sente bem com a decisão tomada, pois precisa fazer o aborto para garantir a continuidade do relacionamento, ela se submete por amor ao homem realizar a “operação simples”, que apenas “deixa o ar entrar”.

Dessa forma, o uso das estratégias digressão e repetição causam o efeito de retardar a discussão sobre o aborto. Jig procura inserir outros tópicos, a fim de fugir da discussão sobre o assunto que o namorado insiste em retomar a todo momento. Há um conflito instalado na conversação do casal, ele deseja que a namorada faça o aborto. No entanto, a Jig sente-se

insegura, não quer fazer o aborto, ao mesmo tempo que tem medo de perder o namorado, caso não faça.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Colinas como Elefantes Brancos* de Ernest Hemingway foi analisado neste artigo com base na AC. Foram usados os seguintes teóricos: Andrade (In: PRETI, 2010), Marcuschi (2003), (2015), Silva (2005), Gumperz (1982), entre outros.

A AC torna-se um campo de pesquisa, com característica transdisciplinar, que objetiva analisar o ato conversacional, as estratégias usadas pelos interlocutores, o contexto situacional no qual eles encontram-se inseridos, etc. Para esse artigo, foram selecionadas duas estratégias para serem analisadas no conto de Hemingway: repetição e digressão e os seus efeitos na leitura do conto.

Na análise, os primeiros exemplos de digressão revelam que essa estratégia foi usada pela Jig com o objetivo de retardar o início da discussão do tópico central. Ela está grávida e o homem deseja propor a realização do aborto. Através dos elementos presentes ao redor do casal, o uso da estratégia é bem-sucedido, porque diversas vezes ela interrompe a tentativa do namorado de propor o aborto, inserindo outros assuntos no diálogo.

Ao longo do diálogo, percebe-se o clima tenso entre o casal, principalmente quando o homem decide iniciar o processo de convencimento, para que Jig aceite fazer o aborto. Ela se apresenta tensa, nervosa, cheia de dúvidas, mas decidida a tentar manter o relacionamento a qualquer custo e o homem se mostra decidido a convencê-la ao insistir na retomada do tópico central, apesar da Jig usar as estratégias conversacionais digressão e repetição para adiar a decisão.

Ao realizar a análise do conto *Colinas como elefantes brancos*, confirmou-se a presença das estratégias usadas pelos protagonistas para tratar, durante um diálogo, um assunto não discutido de forma aberta no início do período moderno. Hemingway usa de forma simples e envolvente as estratégias conversacionais para criar um efeito para o leitor da dificuldade do casal em discutir sobre o tema aborto e o faz do modo mais próximo da língua falada espontânea, conforme buscamos destacar.

6. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M.L. de O. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. In: PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000. p. 99-128.
- FÁVERO, L. L. et al. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, A. C. e LEITE, M. Q. (orgs). *Linguística de Texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 91- 158.
- GUMPERZ, J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. (Studies in Interactional Sociolinguistics 1).
- HEMINGWAY, E. *Colinas como elefantes brancos*. Trad. Samuel Titan Jr. In: www.stoa.usp.br/gabrielamorandini/files/2130/12075/7+colinas+elefantes+brancos+-+ernest+hemingway+ok.pdf. Acesso em 13 Abr. 2016.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LEITE, M. Q. et al. A Análise da Conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (orgs). *Linguística de Texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p.49-87.
- LOPES, I. M. *Tradução de Contos de Ernest Hemingway*. 2012. Dissertação de Mestrado-Faculdade de Letras, Universidade do Porto. P 6-9 e 19-25. Disponível em: <http://sigarra.up.pt/flup/pt//pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=505531>. Acesso em 13 Abr. 2016.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003. (Col. Série Princípios)
- _____. Repetição. In: JUBRAN, C. (org.). *A construção do texto falado*: São Paulo: Contexto, 2015. P. 207-240. (Gramática do português culto falado no Brasil. V. 1)
- PRETI, D. A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1999. (Projetos Paralelos, V. 1). p. 215-228.
- _____. Entrevista com Dino Preti para o n° 43 “Linguagem, usos e ensino” dos Cadernos de Letras (UFF). Rio de Janeiro: *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Linguagem, usos e ensino*. N° 43, p. 15-19, 2011. Entrevista concedida à Profª Drª Sigrid Gavazzi.
- RODRIGUES, P. K. Estratégias conversacionais: um jogo de intencionalidades no processo interacional. *Revista Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 9/2, p. 233-244, dez. 2006. Disponível em :<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3955>> Acesso em 13 Abr. 2016.
- SILVA, L.A. da. Conversação: modelos de análise. In: SILVA, L. A. da (org.). *A língua que falamos. Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005. p. 31-71.
- VILLAÇA, I. e BENTES, A. Aspectos da Cortesia na Interação face a face. In: PRETI, D. (org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 19-48.

JOSANE DANIELA PINTO

Possui graduação em Letras com Inglês pela Universidade Católica do Salvador (1991), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2000)). É doutoranda do DINTER USP/UEPA em Filologia e Língua Portuguesa. Atualmente é professora assistente da Universidade do Estado do Pará. É coordenadora do curso de Licenciatura plena em Letras- Língua Inglesa/ PARFOR/UEPA. É coordenadora adjunta do curso de Letras/Inglês - UEPA. Participa do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA), é integrante da linha 5: Estudos do Discurso. Participa do Grupo de Estudos do Discurso da USP (GEDUSP). Contato: josanedaniela@hotmail.com

Enviado em 15/03/2017.

Aceito em 20/04/2017.